

USO DE FONTES EM AULAS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA:

Encaminhamentos e discussões teóricas

Giovana Maria Carvalho Martins¹

Marlene Rosa Cainelli²

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Financiamento: CAPES

Este trabalho apresenta os encaminhamentos de uma pesquisa iniciada no curso de graduação em História na Universidade Estadual de Londrina, e prossegue como parte das discussões que estão sendo realizadas no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade, sob orientação da Professora Dra. Marlene Rosa Cainelli. A investigação realizada tem como objetivo principal o estudo do uso de fontes no ensino de história, mais especificamente sobre a literatura em aulas de história na perspectiva da Educação Histórica, tendo como tema adaptações do clássico “Os Miseráveis”, de Victor Hugo. A pesquisa atual trata do uso de uma versão em História em Quadrinhos (HQ) da obra, buscando verificar como HQs podem contribuir para o desenvolvimento da consciência histórica dos alunos. Para tanto, utilizamo-nos, entre outros, dos escritos de Rüsen (2011) sobre a consciência histórica e Fronza (2007, 2012) sobre o uso de quadrinhos relacionados a temáticas históricas.

Palavras-chave: Educação Histórica. História em quadrinhos. Consciência histórica. Os Miseráveis.

O presente texto aponta os encaminhamentos de uma pesquisa que se iniciou na graduação em História da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e resultou no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Fontes literárias em sala de aula: a obra ‘Os Miseráveis’ e o ensino de história”, apresentado no início de 2017, e prossegue como parte do projeto que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Educação, nível Mestrado, também pela UEL, sob orientação da professora Dra. Marlene Rosa Cainelli. O foco principal de ambas as investigações é o uso de fontes históricas em aulas de História. Na primeira,

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsista CAPES. E-mail: giovana.mcmartins@hotmail.com.

² Doutora em História e professora do Programa de Pós-graduação em Educação e do Mestrado em História da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: cainelli@uel.br.

realizada durante a graduação, discutiu-se sobre o uso de fontes literárias em sala de aula através de uma adaptação em forma de romance da obra “Os Miseráveis”, de Victor Hugo. Na extensão da pesquisa para o Mestrado, o tema é o uso de Histórias em Quadrinhos nas aulas, tendo como fonte uma adaptação em quadrinhos da mesma obra.

A pesquisa se situa no campo de investigação da Educação Histórica, que “se preocupa com a busca de respostas referentes ao desenvolvimento do pensamento histórico e a formação da consciência histórica de crianças e jovens”, entendendo que a História possui multiperspectivas que contemplam as diversas temporalidades das experiências históricas dos sujeitos (cf. BARCA; SCHMIDT, 2009 *apud* SOBANSKI et al, 2009, pp. 10-11). De acordo com esta perspectiva, os estudantes possuem ideias e experiências prévias que devem ser consideradas pelo professor em sala de aula, e estes estudantes são também agentes de seu conhecimento – ou seja, não são meros “papéis em branco” nos quais o professor escreve o que deseja, mas sim são ativos no processo de sua formação escolar.

É necessário definir que se entende fonte como um “[...] material, instrumento ou ferramenta, símbolo ou discurso intelectual, que procede da criatividade humana, através da qual se pode inferir algo acerca de uma determinada situação social no tempo” (ARÓSTEGUI, 2006 *apud* SOBANSKI et al, 2009, p. 28). As fontes devem ser tomadas enquanto registros, vestígios do passado – isso é necessário para que “o documento se transforme em material didático significativo e facilitador da compreensão de acontecimentos vividos por diferentes sujeitos em diferentes situações [...]” (BITTENCOURT, 2008, p. 331). É importante que os alunos percebam que tais registros podem ser encontrados em diversos suportes e por toda parte, em livros, quadros, músicas, revistas, fotografias, filmes, entre outros. Seu uso em sala de aula deve se dar de maneira que o professor, utilizando-se de fontes, não as utilize “[...] como os historiadores na academia, mas com o objetivo de levar o aluno a perceber como se constitui a história, como os conteúdos históricos se contextualizam com essa fonte”. (XAVIER, p. 641).

Sobre o uso de fontes em sala de aula, Pereira e Seffner (2008) afirmam que para que se faça um trabalho produtivo, é preciso que o objetivo seja a complexidade, e não a facilitação – ou seja, o professor não deve pensar apenas em tornar sua aula acessível, pois o uso das fontes possibilita mostrar aos alunos a natureza e a especificidade do conhecimento histórico. Além disto, de acordo com as autoras Fabiana Guerra e Leudjane Diniz (2007, p. 129), é necessário ao ensino de História

utilizar linguagens diferenciadas com intuito de propiciar aos alunos um processo de aprendizagem mais interativo, prazeroso e que tenha algum significado para sua

vida, dando-lhes condições de se posicionarem criticamente frente a diversas questões e aos problemas que os cercam.

Isto é necessário para que o ensino de História na escola, de acordo com Nilton Pereira e Fernando Seffner (2008), permita aos estudantes abordarem a historicidade de suas determinações sociais e culturais, que é essencial para que eles compreendam a si mesmos como agentes históricos e entendam suas identidades como construtores do tempo histórico, mostrando-os que é necessário lidar com a multiperspectividade de olhares que forma a História.

Inicialmente, a investigação debruçou-se sobre o trabalho com Literatura enquanto fonte em sala de aula. Neste sentido, entende-se, como coloca o historiador Ademar Santos (2008), que “a junção da Literatura com a História no ambiente escolar deve propiciar um momento de reflexão que possa acrescentar à formação de cidadãos leitores que saibam questionar a autoria do texto, a intencionalidade da obra e os motivadores de tal pensamento” (SANTOS, 2008, p. 01) – portanto, a intenção não é tomar a obra como uma mera ilustração, um retrato fidedigno do período estudado, mas sim explorá-la a fim de permitir que os próprios alunos construam o conhecimento a partir da fonte que lhes é fornecida, buscando diversificar o processo de ensino-aprendizagem de História e fugir da concepção tradicional do uso quase exclusivo do livro didático. Foi esta a concepção abordada ao longo do desenvolvimento da pesquisa, buscando entender as obras literárias em geral (e a obra literária específica escolhida) enquanto fontes que propiciem um ensino de história crítico e reflexivo.

Cabe destacar que a intenção não foi tomar o livro enquanto retrato fiel de sua época, pois se trata de uma obra literária que não possui compromissos com a historiografia, de maneira que os personagens retratados são ficcionais. Porém, mesmo que um livro de ficção não retrate personagens que existiram, o que se observa muitas vezes são livros que trazem situações que foram muito comuns à época em que o livro se passa, ou ainda personagens baseados em uma ou várias pessoas que de fato viveram. Sobre a relação entre a literatura e a história, o autor Nicolau Sevcenko (2003) afirma que a literatura é um produto artístico – porém, da mesma forma que não há uma árvore sem raízes e não se pode imaginar a qualidade de seus frutos sem levar em conta as condições de seu solo, do clima e das condições ambientais, a literatura é produto de seu tempo e é reflexo das condições socioculturais do meio em que os autores se inserem.

Sobre o trabalho com literatura em sala de aula, Guerra e Diniz (2007) entendem as obras literárias como recursos fundamentais, já que os livros abrem espaço para diferentes interpretações e leituras pessoais, chamando a atenção dos alunos para a necessidade de

posicionar-se criticamente frente ao conhecimento que é transmitido a eles, além de incentivar o hábito da leitura, fundamental para o bom andamento do processo de aprendizagem e ensino (GUERRA; DINIZ, 2007). Outro ponto a se destacar é que quando as obras são lidas na contemporaneidade pelos alunos, estas ficam impregnadas de leituras anteriores dos mesmos – ou, de maneira geral, de todo o conhecimento prévio e bagagem cultural que os estudantes trazem com eles. Cada indivíduo em seu momento histórico faz sua própria leitura e tira suas conclusões, é dinâmica e depende do lugar de onde estamos observando (BARTHES, 1987 *apud* SANTOS, 2014, p. 140).

Santos (2014) salienta que a literatura é uma fonte documental de uma sociedade, mas antes de seu uso em sala de aula, é necessário “[...] questionar o processo de criação e os interesses que moveram tal produção, obtendo informações que venham embasar e enriquecer o trabalho com os alunos [...], observando que ela não é realizada por acaso, seus autores têm interesses e um público alvo a atingir” (SANTOS, 2014, p. 138).

Os autores Katia Abud, André Silva e Ronaldo Alves (2011) acrescentam que

[...]o uso da Literatura no ensino de História possibilita a efetividade de uma série de habilidades compartilhadas por professores e alunos. Juntos, eles podem perceber qual é a modalidade temporal do escrito, além de discutir e analisar as representações do tempo apresentado. [...] É possível desvelar aspectos da mentalidade de uma época que nem sempre são descritos em textos de caráter historiográfico. [...] Nesse sentido, a Literatura permite, mesmo por meio de narrativas recheadas de ficção, o diálogo com o pensamento humano no tempo” (ABUD; SILVA; ALVES, 2011, p. 55)

Portanto, são muitas as possibilidades de discussão propiciadas pelo uso da Literatura como documento, e é o professor-mediador que deve orientar este trabalho com os alunos, já que é imprescindível que se façam perguntas à fonte (pois esta não “fala” sozinha e a análise por parte do historiador ou, no caso, dos alunos, é necessária), e deve-se escolher os questionamentos que sejam mais pertinentes à fonte específica, levando em consideração a época em que foi escrita, o suporte em que ela está, entre outros.

Na educação formal, no Ensino Fundamental e Médio, os conteúdos literários são objetos da disciplina de Língua Portuguesa, porém é perceptível que seu uso em outras disciplinas foi ampliado e diversificado. A autora Circe Bittencourt (2008) afirma que para a História, é sempre desejável o enlace com o ensino de Literatura. A autora dá o exemplo de práticas de ensino que optam pelo trabalho com lendas com alunos das séries iniciais do ensino fundamental “[...] como meio de introduzir conhecimentos históricos, além de procurar favorecer o gosto pela leitura por intermédio de uma literatura adequada a essa faixa etária” (BITTENCOURT, 2008, p. 339).

Ao pensar o trabalho em sala de aula, o professor deve tomar o cuidado de selecionar fontes que são adequadas à realidade dos alunos, à sua faixa etária e nível de escolarização (BITTENCOURT, 2008). Foi neste sentido que, para esta pesquisa, pensou-se o uso de adaptações da obra clássica “Os Miseráveis”, que dificilmente seria trabalhada de maneira integral no contexto da sala de aula, levando em consideração sua linguagem formal e sua extensão, pois há versões que contam com mais de 1500 páginas.

“Os Miseráveis”, do escritor francês Victor Hugo, foi escrito em 1862 e ambientado no contexto da França pós-Revolução de 1789, retratando a vida de diversos personagens em situações comuns à época, como a pobreza, a prostituição, o furto de comida. Mesmo que os personagens retratados no livro sejam ficcionais, as situações cotidianas por eles vivenciadas são fruto da observação real do período. “Os Miseráveis” ainda traz menção a personagens e fatos históricos, como referências a Napoleão Bonaparte e às revoluções de 1832, envolvendo confrontos em barricadas entre insurgentes e o Exército. Além disto, o livro tem como pano de fundo o conturbado século pós-Revolução Francesa, marcado tanto por um cenário político em ebulição, com diversas revoltas, quanto pela pobreza extrema que marcou a França. Estas questões são muito bem exploradas por Hugo – embora, salienta-se, não se trata de uma obra de historiografia, e sim de literatura. “Os Miseráveis” era um romance social, escrito em forma de epopeia, épico e dramático ao mesmo tempo. O autor está sempre junto com seu personagem e inclusive sofre com ele ao longo da narrativa. (MORETTO, 2003).

Assim, a primeira adaptação escolhida e trabalhada no início da pesquisa, sob o viés das discussões sobre Literatura e ensino de História, tratou-se de um livro voltado para o público infanto-juvenil, publicado pela editora FTD em 2013, traduzida e adaptada por Antonio Carlos Viana e ilustrada por Alexandre Camanho, pensada para ser utilizada na segunda etapa do Ensino Fundamental (a partir do sexto ano). Esta versão faz parte da “Coleção Almanaque dos clássicos da literatura universal” desta editora e conta com diversos apêndices que podem enriquecer o trabalho em sala de aula, tais como um almanaque resumindo a vida de Victor Hugo e o contexto histórico em que a produção do livro se insere, uma linha do tempo e um “suplemento de leitura” que acompanha o livro e traz propostas de atividades que podem ser exploradas no contexto escolar (HUGO, 2013).

Assim, a partir de revisão bibliográfica e da análise do livro, que abordou aspectos historiográficos presentes na narrativa, concluiu-se que o uso de um romance histórico pode ser de grande valor, já que este gênero literário caracteriza-se por possuir um enredo atraente, que leva o leitor a se envolver com a história. Além disto, “Os Miseráveis” trata de um assunto dramático que ainda permanece atual, que é a miséria, especialmente em um país com

tamanhas desigualdades sociais como o Brasil. É inegável, portanto, que o enredo chama a atenção mesmo do leitor mais desatento, e sua adaptação para uma linguagem mais acessível facilita o seu uso em ambiente escolar.

Deste modo, no seguimento da pesquisa, optou-se por continuar com a abordagem do uso de fontes em sala de aula, mas utilizando outro suporte, que são as histórias em quadrinhos. A fonte escolhida foi “Os Miseráveis” da Coleção Clássicos da Literatura em Quadrinhos, da editora L&PM, publicado no Brasil em 2014. O livro foi roteirizado e adaptado por Daniel Bardet e traduzido por Alexandre Boide (HUGO, 2014). Esta pesquisa se encontra em estágio inicial, e optou-se por utilizar a fonte no suporte em quadrinhos, baseando-se nas pesquisas de Marcelo Fronza (2007; 2009; 2012) que verificou que as histórias em quadrinhos permitem o desenvolvimento de uma aprendizagem histórica significativa pois fazem parte do universo cultural dos estudantes, de maneira que estes já estão habituados com histórias em quadrinhos, pois as conhecem e leem. A leitura de HQs, além disto, possibilita que o leitor utilize diversas habilidades interpretativas simultaneamente (tanto visuais quanto verbais, já que os quadrinhos são compostos por imagens e textos), e é por isto que é importante valorizar esta empatia que os estudantes tem com este tipo de suporte e com o conhecimento histórico que pode advir dele (FRONZA, 2009). O autor ainda concluiu que os quadrinhos que envolvem temas históricos “[...] permitem uma passagem da cultura primeira dos jovens para um conhecimento histórico elaborado” (FRONZA, 2009, p. 219), mas é necessário que, na construção de atividades que envolvam quadrinhos, o professor tenha em mente que eles não podem ser usados sozinhos para a construção do conhecimento histórico, pois eles não tem o compromisso de conter, em seus enredos, todos os elementos necessários a uma narrativa histórica científica, “[...] tais como a fundamentação em métodos que busquem evidências relativas à realidade do passado” (p. 221).

Sobre as histórias em quadrinhos e seu apelo com o público, Fronza (2007, p. 41) coloca que

Segundo Eisner, para que as histórias em quadrinhos ajam como um artefato mediador entre o narrador e o público é necessário que se aponte uma característica fundamental para que ocorra a comunicação entre sujeitos: a empatia. Em outras palavras, ao produzir uma história em quadrinhos, o narrador gráfico deve considerar as experiências e vivências culturais de si mesmo e do leitor e utilizá-las como instrumentos que permitam um “contato emocional” entre ambos. Para que haja uma história a ser narrada é necessário um acordo entre narrador gráfico e o leitor, pois o narrador deseja que o público compreenda a sua mensagem e o público deseja que o narrador transmita uma mensagem compreensível [...] (1995, p. 135-136).

Desta maneira, a empatia é fundamental em todo o trabalho com as histórias em quadrinhos, tanto em sua produção, para que os leitores possam ser cativados pela história ali

narrada, quanto em seu trabalho em sala de aula, para que possa existir um trabalho efetivo ligado ao desenvolvimento da consciência histórica dos sujeitos.

O conceito de consciência histórica é fundamental nesta pesquisa, e aborda-se aqui o conceito, que é de suma importância para o entendimento como um elemento da cultura como as HQs podem atuar no desenvolvimento da aprendizagem histórica de jovens estudantes. Fronza (2012, p. 24) aponta que é relevante que se compreenda como a História nasce dos feitos humanos do passado para que se entenda a relação entre “a teoria da consciência histórica e o modo como os jovens escolarizados aprendem História”, de maneira que

[...] é a partir deste processo cognitivo que se torna possível entender como esses sujeitos podem transformar concepções advindas da tradição e da cultura escolar em ideias sofisticadas, as quais mobilizam operações mentais complexas ao serem confrontados com narrativas históricas tais como as histórias em quadrinhos (FRONZA, 2012, p. 24)

Desta feita, Rüsen (2012) coloca que a consciência histórica é “uma atividade mental de interpretação do passado para o entendimento do presente e a expectativa do futuro” (p. 523, tradução nossa), advinda da necessidade que o homem possui de se orientar no tempo. É uma forma de consciência humana que relaciona-se com a vida prática (RÜSEN, 2001), é a “[...] a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2001, p. 57). De acordo com Martins (SCHMIDT; BARCA; MARTINS, 2011), a consciência histórica se dá através de um processo de formação pelo aprendizado, e sua expressão ocorre através da narrativa. Este aprendizado é adquirido tanto através da experiência escolar, nos ambientes da escola, quanto através do contato com tudo o que os homens deixaram ao longo do tempo, ou seja, seu legado, que constitui a “história” que se dá no cotidiano, com os hábitos, crenças, memórias, tradições.

As autoras Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Garcia (2005, p. 303-304) acrescentam que

Os conceitos tomados de Rüsen (1992) apontam para o fato de que a construção da consciência histórica exige conteúdos que permitam o desenvolvimento de uma argumentação histórica crítica, de uma contranarrativa, na medida em que tais conteúdos buscam a mobilização, não de todo o passado, mas de experiências específicas do passado relacionadas a sua própria experiência.

Pensando neste “desenvolvimento de uma argumentação histórica crítica”, e na afirmação de Fronza (2007, p. 16) de que “[...] as histórias em quadrinhos são artefatos culturais que podem ser didatizados”, a intenção da presente pesquisa é verificar de que maneira as histórias em quadrinhos podem contribuir para o desenvolvimento da consciência histórica dos alunos do ensino fundamental II, tendo como temática histórica o período pós-

revolução francesa e também a questão da miséria e da desigualdade social retratados em “Os Miseráveis”. É necessário reiterar que são os sujeitos os responsáveis pela interpretação e construção do conhecimento, e isto ocorre pois as HQs em si “não passam de tinta e papel e não possuem em si tempo, espaço, ‘som, música ou movimento’, gestos ou posturas”, da mesma forma que qualquer outra fonte utilizada em sala de aula, pois as fontes em si, não importando seu suporte, são apenas materiais. Mas “quem fornece a interpretação e a concretização destes elementos na narrativa gráfica é o próprio leitor em sua mente de acordo com suas experiências culturais e históricas e da comunidade em que vive (EISNER, 2005 *apud* FRONZA, 2007, p. 42).

O autor Fronza (2007, p. 30-31) afirma que é necessário defender “[...] uma educação que valorize os conteúdos ligados aos direitos da humanidade e ao conhecimento elaborado, além de articular a experiência cotidiana dos jovens a esses valores, considerando a todo o momento o desenvolvimento interior desses sujeitos”, e é neste sentido que pretende-se desenvolver os encaminhamentos teóricos e metodológicos da presente pesquisa, levando em consideração as vivências e conhecimentos prévios trazidos por cada sujeito, buscando utilizar os quadrinhos como forma de possibilitar o desenvolvimento de um pensamento crítico dos mesmos, entendendo que, mesmo que “Os Miseráveis” tenha sido publicado originalmente no século XIX e contenha referências a personagens e acontecimentos históricos do passado, não se pode ignorar que grande parte das questões sociais que permeiam a obra sobreviveram e adentraram o século XXI, e estão presentes no cotidiano e na realidade dos alunos, de maneira que é necessário que se reflita sobre tais questões ainda hoje.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Katia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. 1a. ed. São Paulo: Cengage Learning, v. 1, 2010.
- BITTENCOURT; Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 2ª Ed. São Paulo: Ed Cortez, 2008.
- FRONZA, M. **O significado das histórias em quadrinhos na Educação Histórica dos jovens que estudam no Ensino Médio**. 170 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007
- _____. Aprendendo história com as histórias em quadrinhos. In: SCHIMDT, Maria Auxiliadora; BARCA, I. **Aprender história: perspectivas da educação histórica**. Ijuí: Editora Unijuí, 2009. p. 197-224
- _____. **A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos**. 465 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

- GUERRA, Fabiana de Paula; DINIZ, Leudjane Michelle Viegas. A incorporação de outras linguagens ao ensino de história. **História & Ensino**, Universidade Estadual de Londrina, v. 13, pp.127-140, 2007.
- HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. Tradução e Adaptação de Antonio Carlos Viana. São Paulo: FTD. Coleção Almanaque dos clássicos da literatura universal, 2013.
- HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. Adaptação e roteiro Daniel Bardet. Tradução Alexandre Boide. Porto Alegre: L&PM. Clássicos da Literatura Universal em Quadrinhos, 2014
- MORETTO, Fulvia M. L. Victor Hugo e o romantismo. **Revista Lettres Françaises**, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, n. 5, 2003. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/viewFile/736/602>>. Acesso: 27 set. 2017.
- PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula. In: **Anos 90**, Porto Alegre, v.15, n.28, pp.113-128, dez.2008.
- PINHEIRO, Eloísa Petti. **Europa, França e Bahia**: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). 2ed. Salvador: EDUFBA, 2011.
- SANTOS, Ademar Firmino dos. A literatura no ensino de História: 30 anos de pesquisas. In: VII SEPECH - Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 2008, Londrina. **Anais...** Londrina: EDUEL, v. 1, 2008.
- _____. **Entre fatos e artefatos**: Literatura e ensino de História nos encontros acadêmicos nacionais (1979-2007). Londrina: EDUEL, 2014.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 2ª Ed, 2003.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005
- SOBANSKI et. al. **Ensinar e aprender história: histórias em quadrinhos e canções**. Curitiba: Base Editorial, 2009.
- XAVIER, Érica dos Santos. Ensino e História: o uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico. In: VIII Seminário de Pesquisa em Ciências Humana SEPECH, 2010. Londrina. **Anais...**Londrina: EDUEL, 2010, p. 639-654.